

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLOTILDE WENCEL

**A TEMÁTICA POBREZA NO CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
CAMPO MOURÃO**

CURITIBA

2016

CLOTILDE WENCEL

**A TEMÁTICA POBREZA NO CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
CAMPO MOURÃO**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Ms Jocilene Gordiano Lima
Tomaz Pereira

CURITIBA

2016

A TEMÁTICA POBREZA NO CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAMPO MOURÃO

Clotilde Wencel

RESUMO

Este artigo analisa a inserção da temática pobreza nos currículos escolares na perspectiva de professores que atuam na Educação Infantil de uma escola pública localizada na região oeste do município de Campo Mourão, Paraná. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que busca a partir da análise dos diálogos e das observações realizadas em contexto de Educação Infantil, compreender como os sujeitos desse estudo, estruturam suas práticas pedagógica com relação a dimensão da pobreza. Os resultados sinalizam a grande dificuldade dos docentes para definirem o que de fato é a pobreza, limitando-se a conceituar a pobreza como carência financeira, das quais os próprios alunos são responsáveis por suas condições. Apontam, também, que esses professores expressaram apreensão com relação ao trabalho com a temática, afirmam que preferem “seguir à risca” o que está determinado nos currículos, para que alcancem êxito e evitar fracassos nos anos seguintes, em relação a aprendizagem. Diante do exposto, faz-se necessário que a temática pobreza seja inserida no currículo escolar para que possibilite o reconhecimento das diferentes vivências e experiências dos sujeitos envolvidos no processo de educação: educando e educador. É indispensável também que haja reflexões em torno da formação do educador para que trabalhe com as diversidades dentro de sua sala de aula.

Palavras-chave: Pobreza; 1. Currículo Escolar 2. Educação Infantil 3.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo busca compreender a inserção da temática pobreza nos currículos escolares na perspectiva de professores que atuam na Educação Infantil de uma escola pública localizada na região oeste do município de Campo Mourão, Paraná. Por meio da análise dos depoimentos desses professores de Educação Infantil, analisa-se como eles estruturam suas práticas pedagógica em relação a dimensão da pobreza.

Atualmente, quando se fala de educação como direito de todos, pensa-se em algo universal e unificado, mas infelizmente é só observar o andamento de uma escola na sua íntegra e deparamo-nos com situações de preconceitos visíveis no que diz respeito à invisibilidade da pobreza.

Com o trabalho dessa pesquisa, procura-se entender como está a pobreza dentro das escolas e como essa situação é vista e desenvolvida pelos profissionais que fazem parte das unidades escolares da região acima citada.

Durante o curso de especialização educação, pobreza e desigualdade social estuda-se nas bibliografias a questão da invisibilidade da pobreza. Isso no âmbito educacional se torna um acontecimento de grandes proporções, gerando consequências “negativas” ao longo da vida desses indivíduos. De acordo com Arroyo (2007, p.17), inúmeras questões são levantadas a respeito dos currículos, fazendo com que estes sejam indagados e repensados a medida que esta organização curricular acaba por definir o trabalho docente e dos educandos.

Definindo o currículo como “núcleo fundante e estruturante” do meio escolar, Arroyo (2007, p.18), afirma que eles acabam determinando as relações entre docente e educando, e a forma como os docentes trabalham são condicionados a partir da organização curricular. O autor ainda afirma que não há neutralidade dentro da organização curricular, ela reproduz uma pluralidade de imagens sociais, que muitas vezes acabam por reproduzir desigualdades. Estas imagens sociais, acabam por definir o perfil dos alunos, definindo assim as prioridades da escola e de conhecimentos.

Considerando como a pobreza é abordada pelos currículos, logo percebe-se como esta é ocultada, e se torna invisível, onde apenas há espaço para os conhecimentos científicos e conceituais.

Os currículos oferecem a crianças a apropriação de conhecimentos científicos e as ciências como meio de acabar com a pobreza, mas sem abordar a temática e as implicações a respeito desta. De um lado estão os coletivos empobrecidos que enxergam na educação o único remédio para sair do círculo vicioso da pobreza, e do outro está a visão da escola através dos conhecimentos científicos e tecnológicos como a única forma de progresso. No entanto, a escola ao desconsiderar todas as questões que estão por trás da pobreza, ela acaba negando o direito a criança, de acordo com Arroyo (2011, p. 262), o direito de saber-se de si, onde as explicações sobre a sua vivencia, situação de pobreza, e os fatores que

estão envolvidos a ela são ignorados, e as causas sociais e políticas acabam sendo camufladas e todas as questões por trás da pobreza se tornam invisíveis, ocultadas.

Didaticamente organizamos esse artigo em capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “Os Conceitos Fundantes Do Estudo: Pobreza E Currículo Escolar”, apresenta os conceitos de pobreza e currículo que serão utilizados ao longo do estudo, assim como apresenta as principais indagações, reflexões a respeito dos mesmos. Em seguida o capítulo, “Pobreza Fora Do Currículo E Dentro Da Escola”, busca abordar como está a situação das crianças pobres dentro do ambiente escolar, especificamente, na educação infantil apontando questões referentes a relação entre educadores e educandos, visando mostrar como os educadores definem e encaram a pobreza no seu cotidiano. Por fim, o capítulo, “Práticas Pedagógicas Frente À Pobreza”, analisa como devem ser articuladas questões curriculares com a vivência das crianças pobres na educação infantil, e quais as principais dificuldades e desafios encontrados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITOS FUNDANTES DO ESTUDO: POBREZA E CURRÍCULO

Existe uma grande complexidade em torno do conceito de currículo, pois não possui uma definição universal. De acordo com Sacristán (1998, p.125), o currículo, derivada da palavra latina *currere*, remete a um percurso a ser seguido, o currículo estabelece, gerencia e sequencia os conteúdos e tudo o que ocorre no sistema escolar. Segundo Sacristán (1998,p.128), o currículo não é neutro, ele mesmo é construído fora do ambiente escolar, transmite culturas externas a escola e particulares. Esta acaba sendo um dos problemas acerca dos currículos, foram pensados distante da realidade das escolas, com visões diferentes dos alunos que freqüentam. Os professores apenas interpretam o que está nos currículos e repassam os conteúdos aos alunos.

Partimos da ideia de que o currículo oculta os verdadeiros envolvidos dentro do ambiente escolar, alunos e professores, e nos leva a questioná-lo. Dentre estes alunos estão milhares de crianças pobres que carregam vivências, vindas de grupos sociais menos favorecidos e estão longe de serem caracterizados dentro dos currículos como verdadeiramente são.

Assim como o conceito de currículo, a definição de pobreza também apresenta complexidade, este também não apresenta uma única concepção. Ao tentarmos definir o que é pobreza, deparamo-nos facilmente com o critério relacionado a renda. De acordo com Aguiar (2002, p. 16), a pobreza é facilmente definida como carência de renda, mas em uma definição mais ampla ela é relacionada como os padrões necessários para se ter uma vida digna.

De acordo com Lavinias (2003, p.29), uma definição reduzida de pobreza a define como carência de renda, no entanto uma definição mais aprofundada, a apresenta como uma carência que pode prejudicar a condição humana em que não são supridas as necessidades básicas ou não há meios para buscar supri-las. Ao considerar a pobreza relacionada a condição humana, deixamos de associa-la apenas a uma perspectiva econômica, a carência de bens materiais ou renda, e passamos a considerar os diversos fatores que influenciam a vida do ser humano .

De acordo com Aguiar (2002, p. 16), reduzir a pobreza a uma perspectiva econômica, acaba ocultando os diversos fatores que ajudem a compreender o fenômeno da pobreza. Para o autor, a pobreza está relacionada ao mínimo necessário para se ter uma vida digna, isto inclui bens materiais, simbólicos, direitos políticos e sociais e a liberdade.

Aguiar (2002, p. 17) aponta que existem diversos critérios que devem ser considerados para compreender a pobreza, entre eles está a redução da liberdade de escolha, as características dos locais onde residem, onde estão expostos a violência, a redução do espaço lúdico das crianças.

Apesar de vários estudos apontarem para a necessidade de analisar a pobreza de forma mais ampla, nos deparamos com visões reduzidas, limitadas de pobreza, como dentro do ambiente escolar.

2.2 POBREZA FORA DO CURRÍCULO E DENTRO DA ESCOLA

A educação como direito de todos, prevê o recebimento de cem por cento das crianças dentro das salas de aula, isto significa que junto com esses alunos vieram as suas diversidades. Com a chegada lenta dos filhos e filhas dos setores populares as escolas, foram chegando suas pobrezas, suas carências, suas resistências, seus valores e suas culturas. (Arroyo,2011, p.157). Logo que estas crianças chegaram, se depararam com currículos que não os reconheciam, conforme aponta Arroyo (2011, p. 159), os currículos foram pensados apenas para crianças de determinada camada

da sociedade, e com a chegada das crianças pobres ao âmbito escolar, não houve mudanças e não buscou-se repensar sobre estes. Estes currículos que já estavam prontos e determinados, não se atentaram em observar estes novos alunos e tão pouco as suas especificidades.

Com caráter científico, segundo Arroyo (2011 p.116), o currículo, assim como os materiais didáticos são produzidos a partir de uma dissociação entre o conhecimento e as experiências sociais dos educandos e dos educadores e logo são ignoradas as vivências dos educandos e também nega considerá-los como produtores de conhecimento. Para Arroyo (2011, p.119):

“Conhecer o real vivido, a pluralidade de experiências e formas de viver não é preocupação central ao longo do percurso escolar. A criança que chega à escola dominará habilidades de letramento, noções elementares de matemática e ciências, o que é um direito, porém ignorará os significados de suas formas de viver, de morar, de ter ou não alimentação, proteção, de experimentar espaços humanos ou inumanos. Preocupar-nos com suas experiências de números, de pré-letramento é pouco se suas experiências sociais mais determinantes são ignoradas.” (ARROYO, 2011, p.123)

Almejando apenas instruir estas crianças pobres ao máximo, não houve qualquer preocupação em considerar a subjetividade de cada uma, e todas as relações que estavam ao seu entorno. O saber reconhecido dentro dos currículos, teorias e leis, estavam longe da realidade destas crianças que se viam obrigadas a aprender o que estava ali determinado.

De início, conforme aponta Arroyo (2011 p. 160), vários estudos foram feitos a respeito dos altos índices de reprovação e abandono das crianças pobres nas escolas, nas décadas de 80 e 90, mas a maioria destes, culpa os próprios educandos pela dificuldade na aprendizagem e pelo fracasso escolar, tratados assim como inferiores, evitando assim qualquer questionamento sobre os currículos. Desta maneira, Arroyo (2011, p.161) afirma que os currículos tornaram-se mais rígidos para impedir que as crianças pobres ameaçassem a qualidade do ensino e dos saberes. A presença dos pobres dentro do ambiente escolar, segundo Arroyo (2011, p.162) não foi ignorada, pois estes foram caracterizados como inferiores e carentes. Os currículos, logo trataram de defini-los assim e se redefinir a partir disso, buscando instruí-los para compensar estas carências, estas que segundo eles são originadas pelos próprios indivíduos.

A desarticulação entre pobreza e currículo e a não valorização das vivências dos alunos, estão presentes na atualidade da Educação Infantil. Ao aplicarmos o questionário aos professores da Educação Infantil, percebemos que estes têm dificuldade no entendimento em torno da temática. Ao serem indagados a respeito do conceito de pobreza, definem como pobre, a criança marcada pela carência de renda, e logo a associam a dificuldade de suprir as necessidades básicas, como a alimentação. Foi apontada por eles também, a pobreza ligada a falta de esperança, como eles mesmo definem como “pobres de espírito”, que aceitam tal condição e são tomadas pelo comodismo. Ao serem indagados como identificam e diferenciam os alunos pobres dentro do contexto escolar, consideram a vestimenta, higienização e a falta de materiais escolares. Assinalam também que estes alunos demonstram agressividade e carência, e se isolam dos demais alunos. Sobre isto podemos considerar, segundo Arroyo (2011, p 166) que a própria cultura política e pedagógica tratou de interpretar a pobreza caracterizando os alunos pobres, como carentes de bens materiais, sociais e culturais e também como carentes de competência e consequentemente tratou de voltar suas práticas para a supressão destas carências e objetivar o progresso. No entanto esta interpretação apresenta um equívoco, pois, de acordo com Arroyo (2011 p, 166), os pobres não se veem como carentes de valores e tão pouco como incapacitados para o trabalho, mas, como vítimas de injustiças sociais, em que se veem privados de direitos humanos e de cidadania e lutam para serem reconhecidos como tais. Este reconhecimento é para ter uma vida justa e digna, onde lutam para terem seus direitos garantidos para sobreviverem.

A pobreza está presente dentro das salas de aulas, conforme afirmam os professores, expressa pelo corpo dos alunos com frio, pelo anseio por uma refeição, falta de higienização, no entanto, atribuem estes como consequências da falta de renda as suas famílias. Isto mostra os professores que não conseguem observar a pobreza, além de uma carência atribuída como a falta de êxito destes pais, destes trabalhadores. Assim como os currículos desconsideram as vivências dos alunos, as implicações entorno da temática da pobreza e toda a sua história, os professores também se deparam com o ocultamento desta, desde a sua formação. Quando questionados sobre como encaram a falta da temática pobreza dentro do currículo escolar, todos disseram que nunca consideraram esta questão e tão pouco refletiram sobre ela.

Os professores ao serem questionados sobre as técnicas pedagógicas que utilizam dentro da sala de aula para trabalhar com estes alunos, todos declararam que são as mesmas para todos os alunos, já que não deve ter nenhum tipo de discriminação em relação aos alunos, e em casos de dificuldades em torno da aprendizagem, buscam ajudar este aluno em suas necessidades. Aprofundando o questionário aplicado, indagamos se um aluno questionasse a condição que vive, ou ainda levantasse alguma situação sobre os demais alunos da sala de aula, qual seria o procedimento do professor regente? Todos apontaram a necessidade do diálogo entre os alunos e a necessidade da explicação sobre as diferenças sociais e culturais, e dependendo, poderiam até encaminhá-los a direção escolar. Nesse caso, fica evidente que os professores apresentaram certo receio sobre como abordar a temática dentro da sala de aula, vemos que as indagações feitas pelos alunos sobre as suas condições são consideradas como um problema, como se o aluno ao questionar a sua existência, poderia coloca-los em uma situação conflituosa. Estes professores concentram suas aulas em preparar os alunos para obterem maior rendimento nos próximos anos, a aprenderem desenvolvendo sua coordenação motora, oralidade e a ensiná-los a manter um bom comportamento.

Romper com esta visão que reduz, limita e torna invisível o fenômeno da pobreza dentro dos currículos é tarefa difícil, mas necessária, segundo Arroyo (2011 p. 167), as consequências desta falta de reconhecimento da real vivência da pobreza, como ligada a negação dos direitos necessários para viver, são gravíssimas, onde os currículos se tornam mais afastados e não garantem preocupações e explicações, sobre o que está de fato envolto sobre as condições humanas, precárias e injustas que estas crianças pobres vivenciam. Estas crianças pobres também necessitam de explicações enquanto sujeito e vítimas, precisam entender a sua real condição e mais ainda, do rompimento da visão do currículo ao vê-los como únicos responsáveis por ela.

2.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS FRENTE À POBREZA

A temática pobreza não é apenas ocultada dentro dos currículos, mas na própria formação dos professores. Os próprios professores admitem terem dificuldades de lidar com este assunto, desde a conceituação de pobreza até a relação desta dentro das salas de aula. Sendo esta uma das grandes barreiras para os debates sobre os currículos e o repensar sobre eles.

Vamos aqui considerar a formação dos docentes, fundamental para uma nova visão sobre a pobreza e repensar os currículos. Em um primeiro momento é necessário que os professores não se coloquem no papel de meros reprodutores dos saberes dos currículos, mais que devem ter uma visão crítica em torno dele, que caminhem para repensa-los. É importante que os professores considerem a pobreza não apenas por uma perspectiva econômica, mas que passem a pensá-la como de um modo geral, relacionada com a condição humana. Entendendo os diversos fatores que estão envolvidos a pobreza, poderão desenvolver - la e lidar com ela dentro da sala de aula.

Assim como aponta Kramer (1994, p.17), é necessário que os professores entendam e reflitam o entendimento da criança como cidadã, fazendo a identificação das questões históricas e culturais que ela possui, e ainda revendo as visões que definem os indivíduos pobres como carentes e com privações. Muito mais do que entender os alunos de forma reduzida e por suas carências, buscando meios para supri-las. Isso é entendê-los como sujeitos, entender suas diversidades, considerando o seu envolvimento dentro da história, produtores de experiências e que não devem ser ignorados e inferiorizados.

Além dos professores terem de entender os alunos como sujeitos históricos, as crianças também devem ter o direito de se reconhecerem como sujeito histórico, que tem o direito de entender que possuem um passado e que fazem parte da história econômica, política, cultural e intelectual e que está lhe pertence. Mais ainda, lhes pertence o direito de saber sobre si, conforme aponta Arroyo (2010,p. 261) o direito de saberem-se, saberem de suas vivencias, sua classe social, saberem-se enquanto pobres.

É importante que desde a Educação Infantil os alunos apresentem suas histórias e vivencias através de relatos. Contar histórias é como um rito de passagem, de indagação sobre o viver sem sentido para os sentidos do viver humano construídos em coletivo na escola. (ARROYO, 2010, p. 282). Através destes relatos, os alunos se reconhecem e os professores passam a conhecê-los. reconhecê-los como autores, os deixam de ser vistos de forma inferiorizadas. É a partir destes relatos, que sairão questionamentos, críticas e lições que os encaminhem para a explicação e compreensão de suas vivencias.

Não estamos aqui desprezando os conhecimento dos currículos, mas mostrando que ao desconsiderarem os sujeitos e as suas vivencias, este

conhecimento se torna sem sentido à vida destes e não se reconhecem. A medida que procuramos repensar os currículos e buscamos articula-lo com a temática pobreza, este se tornará mais rico, possibilitará as crianças desde a Educação Infantil, darem os primeiros passos rumo ao entendimento de suas condições. Este repensar o currículo, embora seja necessário, é um trabalho árduo, pois é preciso superar pensamentos preconceituosos e negativos em torno das crianças pobres e sobre a pobreza em si, que estão dentro da cultura pedagógica.

3 METODOLOGIA

Para entender melhor o desenvolvimento do assunto, um estudo qualitativo foi realizado utilizando apoio de materiais teóricos, análise de currículos, aplicação de questionários, diálogos e observações do cotidiano da escola de educação infantil da região oeste de Campo Mourão.

O questionário foi aplicado em um Centro Municipal de Educação Infantil, na cidade de Campo Mourão, localizado na região oeste do estado do Paraná. Participaram deste questionário professores que atuam na Educação Infantil e em turmas distintas, com idades que variam de 2 à 4 anos, caracterizadas como Maternal II e III. Para a elaboração destes questionários foram levadas em conta a idade das crianças e também o tempo de atuação dos profissionais.

Nos ambientes escolares, os profissionais são elementos fundamentais nas formações de opiniões e multiplicadores de informações para a comunidade atendida. Por isso se observa tanta importância pelo tema da invisibilidade da pobreza e seus encaminhamentos pelos profissionais da Educação nessa etapa educacional, onde acontece a base para toda a caminhada estudantil do cidadão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre pobreza dentro dos currículos vai muito além de ver a escola ou centro de educação infantil como apenas para prestar assistência, como aquela que alimenta o aluno pobre, é mostrar o que de fato é a pobreza, na sua definição geral, como carência que afeta a condição humana e ver que as crianças pobres não são os culpados, mas sim privadas do viver digno.

Os professores devem perder o medo de discutir a pobreza e encara-la, rompendo com a barreira de inferiorizar as crianças pobres, de tentar normatiza-los, ensinando a ter boas maneiras e regras de convivência. Devem desde a educação infantil vê-los como capazes de se tornar críticos e que tem o direito de entender a sua condição. Obviamente que não irão conseguir explicar todo o contexto envolto sobre a pobreza, mas queremos que os professores os vejam como sujeitos presentes na história e que despertem neles minimamente que seja, a critica de suas condições por meio de conversas, brincadeiras. É importante que debatam isso com os demais professores, apontem duvidas, necessidades.

Durante toda a pesquisa, nota-se a falta de estudos e pesquisas voltados para a temática pobreza dentro dos currículos, e quão longo ainda é o caminho para o repensar sobre os currículos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Marcelo. Pobreza, Desigualdade e Exclusão Social. In: AGUIAR, Marcelo. **Bolsa-escola: Educação para enfrentar a pobreza**. Brasília: Unesco, 2002. p.15-27.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Currículo, Território em Disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. O significado da infância. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, I**. Brasília, DF: MEC, 1994. p. 88-92. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=28346&co_midia=2> Acesso em: 24. Out. 2016.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social, módulo introdutório, Pobreza, desigualdades e Educação**. Disponível em: <<http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/intro/index.html>> Acesso em: 27 mai. 2016.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social, módulo IV, Pobreza e currículo: Uma complexa articulação**. Disponível em: <<http://catalogo.egpbf.mec.gov.br/modulos/mod-4/index.html>> .Acesso em: 27 mai. 2016.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília :Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag2.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.
- LAVINAS, Lena. **Pobreza e exclusão: traduções regionais de duas categorias da prática**. *Economica*, v.4, n.1, p.25-59, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaeconomica/v4n1/lavinas.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2016.
- KRAMER, Sonia. Currículo de educação infantil e a Formação dos profissionais de Creche e pré-escola: Questões teóricas e polêmicas. In: **Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1994. p. 16-31. Disponível em: < <http://www.sema.edu.br/>> Acesso em: 23 jun. 2016
- SACRISTÁN, Gimeno J. O Currículo: os conteúdos do ensino ou análise da prática. In: SACRISTÁN, Gimeno J. GÓMEZ, Pérez A. I. **Compreender e Transformar o ensino**. 4 ed. São Paulo: Artmed. 1998. p. 120-148
- Proposta pedagógica curricular da Educação Infantil**. Centro Municipal de Educação Infantil Tancredo de Almeida Neves. Campo Mourão. 2012.

Anexos

QUESTIONÁRIO 1

Professora: Joyce

1) Considerando a sua opinião, a sua formação e atuação como docente, para você o que é ser pobre?

Ser pobre é não ter recursos financeiros para condições básicas de vida, como: não ter moradia fixa, não conseguir fazer as refeições do dia, depender de doações para não passar necessidade, entre outros. E também, aqueles que são considerados “pobres de espírito” que além das condições de vida não pensam em melhoras, vivem em comodismo.

2) Como você enquanto professor, identifica o aluno pobre?

Pela higienização, maneira de se vestir, alimentar-se, e pelo seu comportamento.

3) Como este aluno se diferencia dos demais alunos?

Pela maneira de se vestir, pelos seus pertences escolares.

4) Como o professor encaminha uma situação quando o aluno percebe e questiona o porquê de sua situação ou de um colega, em situação de pobreza?

Até o presente momento nunca percebi nenhuma situação como essa, mas acredito que a minha atitude seria conversar com os alunos sobre essas diferenças sociais e trabalhar a importância de respeitar e tratar bem todos os colegas. Encaminharia essa situação para a direção escolar, e caso volte a ocorrer sugeria à direção chamar os pais do aluno para uma conversa sobre o que está acontecendo.

5) Quais são as técnicas pedagógicas, usadas para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula?

Penso que as técnicas pedagógicas usadas para trabalhar com os alunos pobres são as mesmas trabalhadas com os demais alunos. Mas no momento em que o professor perceber que este aluno está com problemas no aprendizado devido a situação de pobreza, ex: com fome, frio, entre outras necessidades, devem buscar meios para ajudar o aluno a se desenvolver. E também fazer o máximo para que ele não se sinta inferior aos demais alunos no ambiente escolar.

6) Como você vê a falta do assunto pobreza no currículo escolar?

Nunca havia pensado nesse assunto, mas realmente ao analisar os aspectos que envolvem esse assunto é necessário trabalhar esse tema, assim como tê-lo no currículo escolar, desde a educação Infantil. Mas do que trabalhar na sala de aula seria muito importante fazer reuniões e palestras com os pais e com a comunidade, pois muitas vezes eles que influenciam essas situações.

Questionário 2

Professora: Leticia

1) Considerando a sua opinião, a sua formação e atuação como docente, para você o que é ser pobre?

A pobreza pode ser vista por dois ângulos, às vezes a pessoa é pobre financeiramente, não consegue se adequar aos padrões embutidos pela sociedade e acaba ficando à margem da mesma, outra forma são aquelas pessoas que não tem amor, auto-estima, “coração” no sentido que as vezes tem tudo na vida, mas não consegue ser feliz.

2) Como você enquanto professor, identifica o aluno pobre?

O aluno pobre financeiramente é identificado pela sua aparência, geralmente suas roupas são mais “usadas”, um jeito cansado de ver a vida e sem otimismo, muitas vezes atitudes passadas pelos pais.

O aluno pobre de espírito é carente, não tem sentimento pelo colega e as vezes briga para chamar atenção.

3) Como este aluno se diferencia dos demais alunos?

Está sempre procurando ser aceito nas brincadeiras e rodas de conversa, sente-se envergonhado às vezes por ter determinada roupa, sapato ou objeto.

O aluno pobre de espírito têm dificuldade em realizar atividades no coletivo e os próprios colegas constroem uma barreira para que não se sintam ofendidos por ele, deixando-o cada vez mais só.

4) Como o professor encaminha uma situação quando o aluno questiona o porquê de sua situação ou de um colega, em situação de pobreza?

Ao perceber tal situação, conversaria com a turma sobre as diferenças econômicas e culturais, aplicando projetos que facilite a compreensão do tema, exaltando que apesar das diferenças econômicas, todos somos seres dignos de respeito e compaixão. Caso isso não resolva, encaminharia para a direção da escola para que juntos pudéssemos, também com a família, buscar meios para resolver.

5) Quais são as técnicas pedagógicas, usadas para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula?

Para o professor não deve haver discriminação entre os alunos por sua posição social ou seus sentimentos, na sala são todos iguais e as atividades devem atender as especificidades de cada, nelas sim os alunos devem ter um atendimento especial, pois uns apresentam mais dificuldades que outros, mas em nenhum momento deve-se fazer discriminação social. O aluno pobre em espírito deve ser estimulado a compartilhar seus sentimentos e o trabalho em equipe é uma das formas de fazer com que perceba que um completa os outro e se trabalharem juntos tudo fica mais fácil.

6) Como você vê a falta do assunto pobreza no currículo escolar?

Não havia pensado nesse assunto mas, analisando os conteúdos do magistério e da pedagogia, pude notar a ausência desse tem que é muito relevante para a sociedade, e vejo a necessidade de inserção desse tema no currículo escolar, pois as diferenças econômicas existem e precisamos saber lidar com elas em sala de aula.

Questionário 3

Professora: Ana Izete

1) Considerando a sua opinião, a sua formação e atuação como docente, para você o que é ser pobre?

É ter uma condição financeira precária, que não lhe oferece meios para usufruir, ter uma vida digna, com uma boa alimentação, moradia, roupas, calçados, as vezes saúde.

2) Como você enquanto professor, identifica o aluno pobre?

Muitas vezes pela maneira de se comportar perante algumas situações, pela simplicidade nas vestes, alguns demonstram um grande anseio por alimentação.

3) Como este aluno se diferencia dos demais alunos?

Em vários casos pelas vestes, pela falta de higiene pessoal não realizada de forma correta.

4) Como o professor encaminha uma situação quando o aluno questiona o porquê de sua situação ou de um colega, em situação de pobreza?

5) Quais são as técnicas pedagógicas, usadas para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula?

As técnicas pedagógicas são as mesmas usadas para todos, quando necessário, o professor oferece uma atenção individual auxiliando-o se preciso for em determinada situação.

6) Como você vê a falta do assunto pobreza no currículo escolar?

Sem resposta.

Questionário 4

Professora: Eliane

1) Considerando a sua opinião, a sua formação e atuação como docente, para você o que é ser pobre?

Ser pobre não depende apenas da sua condição financeira, pois isso pode mudar, devido ao seu empenho em trabalhar e buscar objetivos, traçar metas. Mas há pessoas que são pobres no sentido emocional, ou como dizem, pobres de espírito. Esta segunda condição de pobreza é mais difícil de ser mudada.

2) Como você enquanto professor, identifica o aluno pobre?

Pela maneira de se vestir, comer ou até mesmo como se comporta

3) Como este aluno se diferencia dos demais alunos?

Geralmente, na forma de se vestir e/ou falar.

4) Como o professor encaminha uma situação quando o aluno questiona o porquê de sua situação ou de um colega, em situação de pobreza?

Primeiramente conversando com os alunos nas rodas de conversa e falando que é mui importante tratar bem todos os amigos, professores, respeitar e tentar fazer com que o aluno se coloque no lugar do outro perguntando se a maneira que ele está agindo está correta. E conversar sempre que necessário, abrangendo também toda a comunidade não somente o ambiente escolar e caso não houver melhoras juntamente com a direção pensar em outras alternativas.

5) Quais são as técnicas pedagógicas, usadas para trabalhar com esse aluno dentro da sala de aula?

As técnicas pedagógicas são as mesmas, utilizadas com os demais alunos, pois na escola não há tratamento diferenciado. O que o professor irá observar é se o aluno não está aprendendo porque está com fome, por falta de material ou até mesmo, por falta de higiene ou saúde adequadas. O professor deve ter um olhar sensível às necessidades do aluno/criança.

Ao identificar o motivo, o professor deve fazer o máximo que está ao seu alcance, para fazer com seja sanados os problemas para que o aluno aprenda.

Também deverá usar medidas e exemplos conhecidos da criança para que ela aprenda, fazendo-a sentir-se inserida no contexto do aprendizado.

Mas estamos falando aqui, no sentido de pobreza, porque há crianças com outras dificuldades em que o professor, deverá usar as técnicas pedagógicas diferenciadas sim.

6) Como você vê a falta do assunto pobreza no currículo escolar?

Ao parar para pensar nesse assunto vejo o quanto fez e faz falta este tema nos currículos escolares, pois vivemos em uma sociedade onde a diferença econômica é muito grande